

Pormenor de "Plano e perspectiva da cidade de S. Tomé de Meliapor, e seus domínios, tomada pelos Ingleses em Outubro de 1749 à Coroa de Portugal", in Walter Rossa, *Cidades Indo-Portuguesas*. Lisboa, CNCDP, 1997.



Fr. Paulo da Trindade, O. F. M., Cronista Macaense

VÍTOR GOMES TEIXEIRA*



A historiografia portuguesa tem dedicado esforços e atenções à história reíol e às suas figuras, instituições, momentos, processos, ciclos, entre muitos outros enfoques, secundarizando de forma acentuada a história da Expansão, remetida para um pequeno número de investigadores e centros de estudos, em proporção com o arco temporal, os contextos histórico-geográficos, as suas figuras, enfim, toda a gigantesca construção multissecular e pluricontinental da presença de Portugal além-mar. Daí que estudar uma figura portuguesa nascida nos confins do Império constitua um desafio e a sensação de um minúsculo passo para lutar contra o esquecimento, retirar alguns fantasmas do armário mental que palavras como “império”, “ultramar”, entre outras, suscitam ainda e parecem afugentar não só muitos historiadores de todas as idades como o público em geral.

Neste sentido, recordar a figura de Fr. Paulo da Trindade (c. 1570-1651), um franciscano da Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, é ainda um desafio maior, já que a história religiosa portuguesa da Expansão, fora do contexto brasílico, tem conhecido ainda menos

projectos de investigação para além do universo jesuítico. A história das Ordens Mendicantes (Franciscanos, como Fr. Paulo, Dominicanos, Carmelitas e Agostinhos, qualquer uma em ambos os ramos masculino ou feminino e nas suas diversas observâncias) no Império Português está ainda a trabalhar, pontualmente, o plano institucional, faltando estudos na área da cultura, das mentalidades, da própria acção missionária, da arte e da sua influência a nível social, quando não no plano económico e político. E porque não falar da história das lutas e desafios entre os religiosos do Padroado Português do Oriente e os do *Patronato* de Manila, hispano-americano-filipinos, de que Macau foi um dos pólos de contenda e de acção missionária e diplomática fulcrais?

Para já, comece-se, por assim dizer, por uma figura, Fr. Paulo da Trindade, porventura o mais ilustre franciscano português nascido em Macau. Um frade letrado, com uma carreira importante no seio da sua Ordem, no plano provincial, uma figura com um terreno de acção que abrangia o Extremo Oriente português. Se se destacou pela sua condição religiosa, dentro da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), importa desde já contextualizar, sinteticamente, o franciscanismo no Extremo Oriente, até ao século XVII, já que foi nesta centúria que faleceu o então octogenário frade macaense, em 25 de Janeiro de 1651.¹

Os primeiros franciscanos portugueses, em número de oito (na Idade Média outros frades desta ordem chegaram ao Extremo Oriente e à Índia por terra e mar, como Rubruck, Montecorvino, Pian de

* Professor Auxiliar da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto, doutorado em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2004), onde se licenciou (1991) e apresentou Mestrado (1996). É actualmente investigador do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

Lecturer in the School of Arts at Oporto's Universidade Católica Portuguesa, Ph.D. in Medieval History from Oporto's University's Faculty of Arts (2004) where he graduated (1991) and took his Master's Degree (1996). Currently conducting research at the Universidade Católica Portuguesa's Research Centre for Science and Technology in Art.

CRONISTAS ESQUECIDOS DO EXTREMO ORIENTE (SÉCULOS XVI-XVIII)

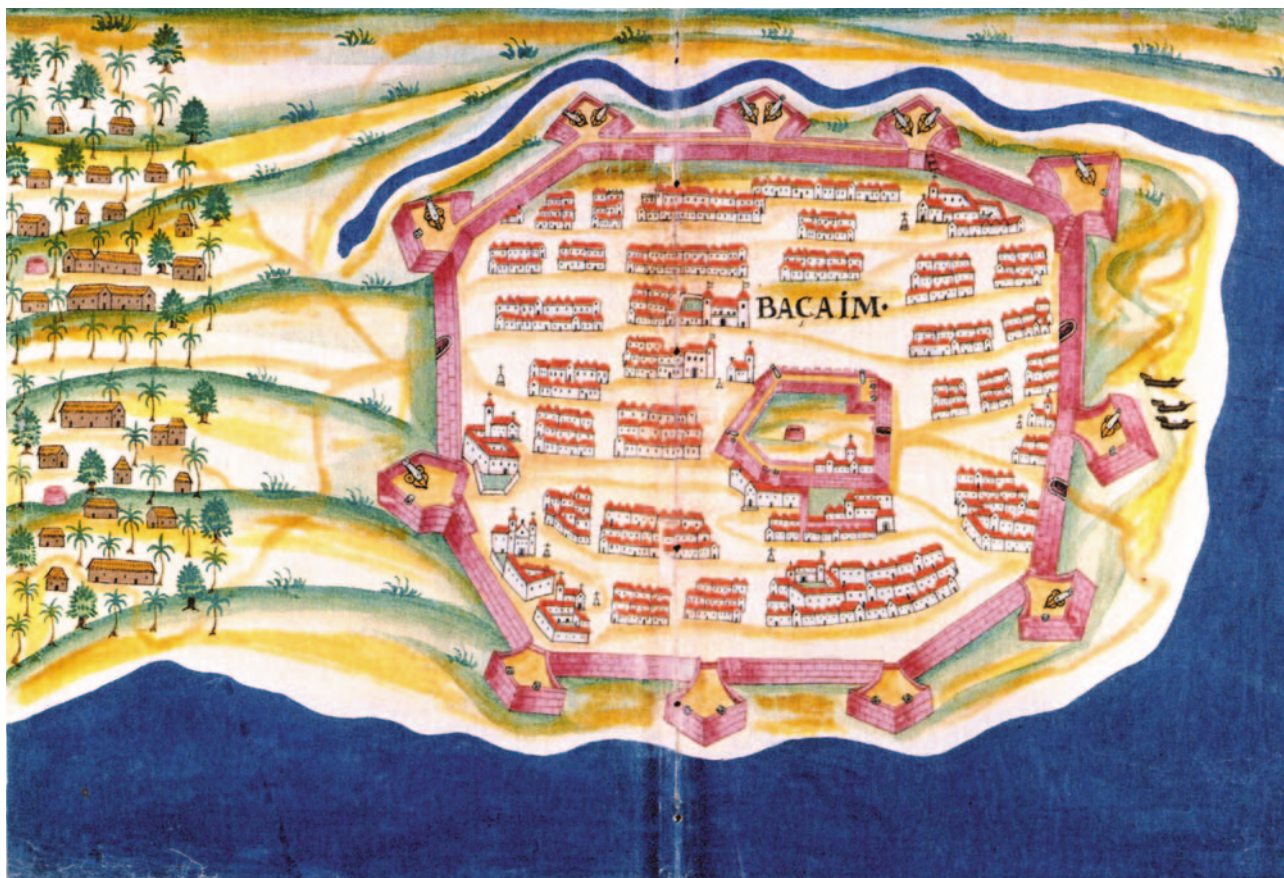
Carpine, Odorico de Pordenone, Jaime da Irlanda) chegaram à Ásia – Índia – em 22 de Agosto de 1500 na esquadra liderada por Pedro Álvares Cabral. Os religiosos eram chefiados por Fr. Henrique de Coimbra que celebrara, aliás, em fins de Abril daquele ano, a primeira missa no Brasil, então “descoberto” por Cabral nesta segunda viagem à Índia. Ficaram então na Índia os frades que, em 1518, com novas incorporações de religiosos reinóis, eram já talvez vinte, formando um comissariado dependente da recém-criada Província [Franciscana] de Portugal da Regular Observância (1517). Em 1542 erigiu-se em Custódia, devido ao forte *élan* missionário dos Jesuítas na Ásia desencadeado pela chegada do Pe. [S.] Francisco Xavier S. J., a estas paragens. Numa estratégia de reorganização missionária e no sentido de vincar o seu papel e acção no contexto do império português da Ásia, os Franciscanos da Índia encetaram uma reestruturação, que originou um crescimento dos efectivos da Ordem na região. Deste modo, em 1583 criou-se juridicamente a primeira província franciscana portuguesa na Ásia, neste caso em Goa, Índia, também o centro da acção religiosa dos Frades Menores. Essa primeira província foi a de S. Tomé, que teve apenas a sua implementação efectiva a partir de 1619. Em 1585, a então designada ainda como Custódia de S. Tomé tinha 123 sacerdotes, 22 frades leigos e 54 estudantes e coristas. Dez anos depois, acrescente-se, registava um acentuado crescimento, com 232 sacerdotes activos, 23 irmãos leigos e 90 religiosos estudantes e coristas, entre os quais, provavelmente, já Fr. Paulo da Trindade.²

Outra província foi depois criada em 1622, chamada da Madre de Deus, que conheceu a partir de 1629 um maior vigor institucional. Em 1635, refira-se, ainda em tempo da vida de Fr. Paulo da Trindade, as duas circunscrições agrupavam na Ásia cerca de 600 religiosos, com um espaço de acção missionária que englobava, para além da Índia, também Moçambique, Birmânia, Ceilão, Indonésia, Malaca, Tailândia, Macau e Sul da China.

A época em que viveu Fr. Paulo da Trindade foi ainda, do ponto de vista religioso, extremamente agitada, dir-se-ia, no Sul e Sudeste Asiático, com destaque para a China, Japão e Filipinas, onde a concorrência em torno da hegemonia político-militar e económica entre Portugal e Espanha ou entre estes e a calvinista *Verenigde Oost-Indische Compagnie*

(VOC, Companhia das Índias Orientais holandesa) despoletou conflitos e rivalidades. A somar a este quadro estiveram todas as consequências na região da União Ibérica de 1580-1640, toda ela vivida por Fr. Paulo da Trindade. Hegemonias religiosas, com rivalidades entre Padroado Português do Oriente e *Patronato* de Manila, entre a Companhia de Jesus e as Ordens Mendicantes, entre as igrejas ibéricas e a *Propaganda Fide* a partir da década de 20 do século XVII. Enfim, se juntarmos a Inquisição e a questão da cristandade nipónica até 1638 e toda a conflitualidade e belicosidade suscitada pela VOC, o cenário de fundo da vida de Fr. Paulo da Trindade foi, dentro do ideal de missão em que um religioso vivia naquela região, no mínimo conturbado e exigente de diplomacia e capacidade política. Fr. Paulo não deixou, todavia, de ser um dos actores destes tempos, também de expansão missionária e de conquista espiritual, de paixões acaloradas e até acerbas na esfera religiosa do Império oriental. Fr. Paulo viveu ainda um dos fenómenos nunca lembrados na história religiosa das missões católicas do Oriente, o das querelas e rivalidades entre os frades “da terra”, nascidos no Oriente, e os reinóis, vindos de Portugal.

Mas revisitemos então Fr. Paulo da Trindade, franciscano macaense. Com efeito, é segura a vinda ao mundo deste frade na Cidade do Santo Nome de Deus por volta de 1570, embora alguns refiram o ano seguinte. Seguimos aqui a proposta do preclaro e sempre avisado historiador franciscano português do século XX, Fr. Fernando Félix Lopes (1902-1990),³ que advoga o ano de 1570.⁴ Era provavelmente filho de portugueses, ou pelo menos de pai português, de origem ilustre, pelo que nos refere Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*.⁵ Não se sabe ao certo quando entrou na Ordem dos Frades Menores, mas poderá ter sido entre finais da década de 80 e 1595, data em que nos aparece como o mais novo dos coristas do convento de Santo António de Baçaim, da província de S. Tomé, à qual sempre pertenceu como franciscano. Diogo Barbosa Machado refere que se fez frade no “Convento de S. Francisco da Custódia de S. Thomé”, o qual pode ser o convento homónimo fundado em Goa em 1520-21 e onde funcionava um noviciado. Terá provavelmente transitado depois para a casa de Baçaim, findo o noviciado. Todavia, a dar fé ao autor da *Bibliotheca Lusitana*, se entrou no convento de S. Francisco da “Custódia” de S. Tomé

FORGOTTEN CHRONICLERS OF THE FAR EAST (16TH–18TH CENTURIES)

Fortaleza de Bacaim, in António Bocarro, *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental* (1635). Lisboa: INCM, 1992.

poder-se-á acreditar que o terá feito com menos de 13 anos de idade, já que foi em 1583 que aquela custódia passou a província. Por outro lado, se se pensar que só se implementou efectivamente como província em 1619, podemos pensar que a sua referência como custódia poder-se-á ter prolongado até então. Mas se Barbosa Machado compôs a sua obra no século XVIII, já só a conhecia como província: para a referir como custódia estaria a fazê-lo para ser mais preciso?

Em Goa teve como mestre Fr. Manuel de Mont'Olivete, O. F. M., reinol, então na Índia com mandato de fomentar os estudos entre os Franciscanos do Oriente, num claro cumprimento de directivas tridentinas e dos próprios Frades Menores de formação qualitativa dos seus efectivos e de orientação para a cultura. Fr. Paulo estudou então Artes e Teologia, depois de 1590, tendo alcançado provavelmente projecção escolar e uma sólida formação. Assim o entendemos pelo facto de ter substituído Fr. Manuel de Mont'Olivete a partir de 1609, quando este

regressou ao Reino, nas cadeiras que aquele leccionava na casa de formação seráfica (dos Franciscanos) de Goa, tendo durante muitos anos “lido Theologia” aos estudantes seráficos (provavelmente até se jubilar). Alcançou o cargo de leitor de “Prima de Teologia”, pelo que teve a incumbência de dar a lição solene de abertura na inauguração do curso teológico do Colégio de S. Boaventura de Goa, em 13 de Julho de 1618, a nova casa de formação da província de S. Tomé fundada por Fr. Miguel de S. Boaventura O. F. M., alguns anos antes, em 1 de Dezembro de 1604, sob a bênção do arcebispo de Goa, D. Fr. Aleixo de Meneses. Versado não apenas em Teologia, Fr. Paulo também deixou manuscritos de Direito Canónico e de Direito Civil.⁶ Também as Sagradas Escrituras mereceram o interesse deste ilustre religioso macaense, que refere que naquele colégio se ensinava não apenas Teologia mas também Artes e a “língua da Terra para os que se houverem de ocupar na cristandade”, além de que ali os “leitores lêem a doutrina de Escoto”.⁷ Refira-se

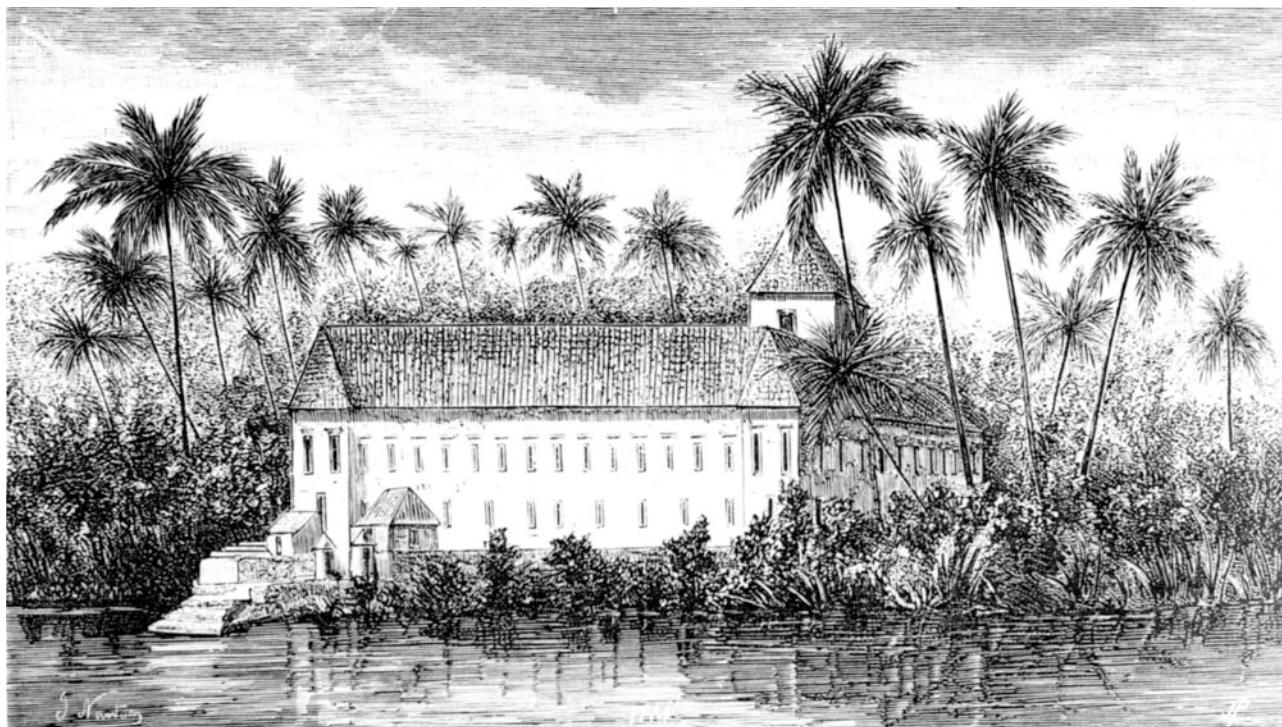
CRONISTAS ESQUECIDOS DO EXTREMO ORIENTE (SÉCULOS XVI-XVIII)

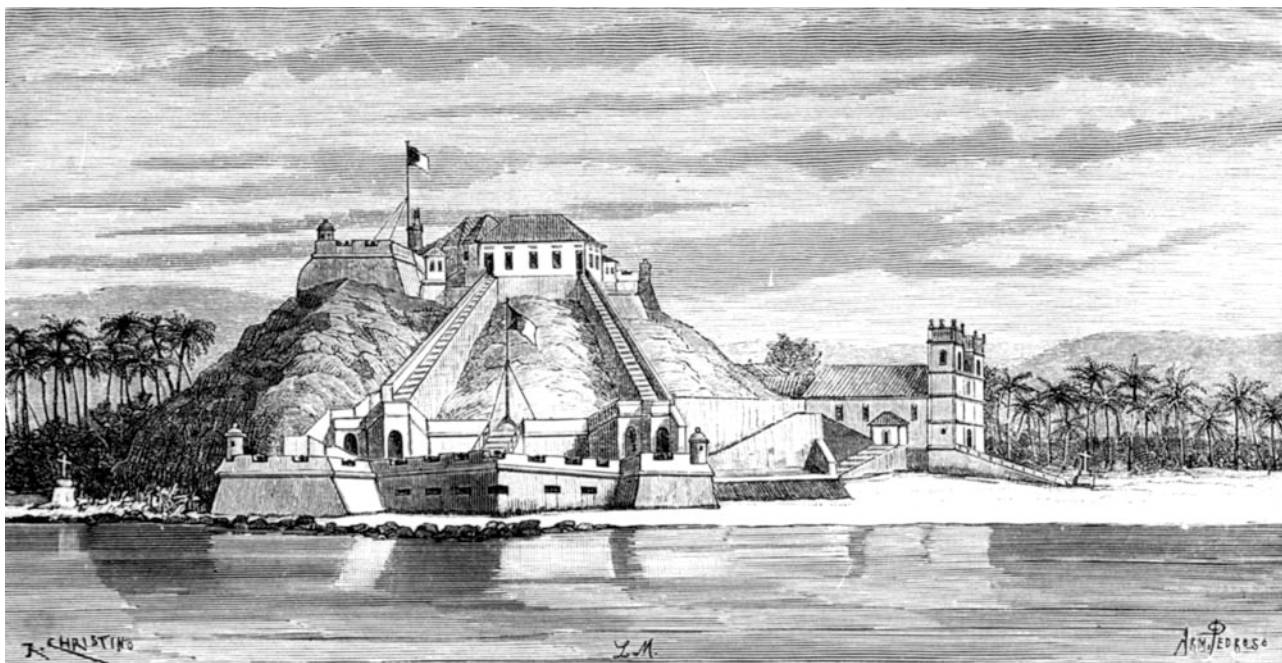
que, em 1618, era custódio e comissário-geral dos Franciscanos da Índia Fr. Sebastião dos Santos, que ocupou estes cargos entre 1614 e 1619.

Fr. Paulo da Trindade, que se terá ordenado presbítero em finais do século XVI, em Goa, deverá ter estado ligado aos estudos e formação na Índia até à segunda década de Seiscentos, já que na seguinte a sua competência em Direito e estatuto e prestígio entre os Franciscanos do Indostão o terão feito projectar-se mais nas lutas institucionais e querelas franciscanas que então animavam os frades daquela região. Com efeito, as lutas por uma maior autonomia dos Franciscanos da Índia em relação aos seus congéneres do Reino consumiram uma boa parte da actividade e zelo dos religiosos na Ásia na primeira metade do século XVII, com inúmeras queixas em Roma contra os frades de Lisboa e inúmeras intrigas e acusações. Aí surge Fr. Paulo, “homem de sancta vida e exemplar”, na opinião dos seus confrades da província de S. Tomé, queixosos a Roma, que o queriam para ministro provincial, por altura do Capítulo Provincial de 1629. Todavia, a fama e prestígio de Fr. Paulo chocaram com a inimizade do comissário-geral dos Franciscanos da Índia, Fr. João de Abrantes, que tudo fez para contrariar a tendência eleitoral do Capítulo, que pendia claramente

para Fr. Paulo. Fr. Simão da Nazaré, reinol, foi o “eleito”, graças à pressão do referido comissário-geral. A questão de fundo prende-se talvez não com a recusa de Fr. Paulo pelo seu valor ou qualidades religiosas e humanas, mas pela intenção clara dos Franciscanos do Reino em manterem o controlo das províncias seráficas do Império, restringindo a elevação a cargos governativos decisivos de frades autóctones. Não sabemos se Fr. Paulo da Trindade lutou por protagonismo, se se envolveu voluntariamente neste processo polémico ou se para ele foi arrastado por outros, que nele viam um confrade com maior gabarito e preparação. De notar ainda que, depois da “derrota” de 1629, Fr. Paulo foi arrolado entre um grupo de 13 frades que a Congregação da *Propaganda Fide* queria afastar de Goa e Bardez, devido a queixa recebida em Roma, proveniente da Índia. Em 1630, o próprio Fr. Paulo andaria em trabalho de missão naquelas regiões, em concreto na zona de Sirulá, onde recorda algumas experiências com brâmanes locais. Estes 13 “frades irrequietos e fautores de discórdias”, como dizia Fr. Félix Lopes, entre os quais que se contava Fr. Paulo, seriam provavelmente os resistentes à nomeação de Fr. Simão da Nazaré para o provincialato em S. Tomé da Índia. S. Salvador de Sirulá, no território

Colégio de S. Boaventura, in A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886.



FORGOTTEN CHRONICLERS OF THE FAR EAST (16TH–18TH CENTURIES)

Forte de Bardez ou dos Reis Magos, in A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886.

de Bardez, era, eclesiasticamente, uma reitoria curada pelos Franciscanos, em regime quase paroquial.

O relevo que Fr. Paulo tinha na Índia não deverá ter sido beliscado por estas questões franciscanas, pois a sua obra escrita mais famosa, a *Conquista Espiritual do Oriente...* foi precisamente lavrada entre 1630 e 1636, o que faz supor que, para além de algum recolhimento ou recato necessários a tal empresa, além da estabilidade que a docência poderia permitir, o frade macaense terá mantido uma posição importante, com um estatuto que lhe permitia aceder a arquivos e registos para a elaboração de tão notável obra. Uma leitura mais atenta da obra permite-nos depreender que Fr. Paulo da Trindade esteve bastante empenhado durante todo esse tempo na sua feitura, principalmente da primeira metade, já que depois tudo se lhe alterou. Na verdade, outros ventos sopraram a partir de então na Índia franciscana e particularmente na vida daquele frade. Em 1633 fora nomeado um novo comissário-geral da Índia em substituição de Fr. João de Abrantes. Todavia, o novo comissário morreu durante a viagem de Lisboa para a Índia, pelo que Fr. Paulo foi indigitado pelo vigário-geral dos Franciscanos, Fr. António Henriques, para substituir o malogrado frade no cargo, nomeação que teve efeito em Setembro daquele ano. Esta promoção atesta a proeminência de Fr. Paulo entre os Franciscanos

do Oriente, além da ideia de que a sua experiência e formação o devem ter abonado mesmo durante a querelas institucionais. Demorou-se três anos naquele cargo, pois em Janeiro de 1637 já era comissário-geral da Índia Fr. Valério de S. Miguel. Naquele triénio, porém, Fr. Paulo palmilhou os caminhos da Índia e do Sudeste Asiático, talvez mesmo Macau ou o mar da China Meridional, dado que os franciscanos portugueses em missão naqueles territórios eram superintendidos por Goa, onde estava sediado o comissário-geral. Este cargo estava acima dos superiores das duas províncias menoritas do Oriente, ou sejam, S. Tomé e Madre de Deus e todas as suas dependências e missões. Presidia a ambos os seus Capítulos provinciais e era a instância que as representava perante outras instâncias eclesiásticas superiores. Apesar de tal ocupação, a *Conquista Espiritual do Oriente...* não foi interrompida; pelo contrário, tantas viagens e fácil acesso a fontes de informação em vários lugares permitiram mesmo o seu enriquecimento. No exercício do seu comissariado, como em quase todos os outros, sabe-se que se realizaram “muitos” batismos gerais (colectivos), como um de “quinhentas almas” em Goa, em 1634, e no ano seguinte, também naquela cidade, outro de “quatrocentas e tantas pessoas”. Ainda em 1634, em Jafanapatão, localidade indiana, e Agosto, foram baptizadas 400 pessoas, repetindo-se outro igual,

CRONISTAS ESQUECIDOS DO EXTREMO ORIENTE (SÉCULOS XVI-XVIII)

no mesmo sítio, alguns meses depois.⁸ Estes baptismos gerais eram em média um em cada triénio dos comissários-gerais ou superiores provinciais, consoante não apenas a fecundidade da acção catecumenal mas também as esmolas para se vestir os baptizando, normalmente régias ou dos potentados portugueses na Índia. A considerar o número de baptismos gerais e o de baptizando no triénio de Fr. Paulo, que ele próprio documenta, embora, por modéstia, não tenha querido referir mais, poder-se-ia considerar a sua obra missionária como fecunda e activa, um zelo apreciável se atendermos às lutas entre estratégias e institutos missionários na época.

Pouco tempo depois de ter deixado o comissariado (ou durante o exercício deste, pois Mons. Manuel Teixeira refere que foi a 16 de Abril de 1636, quando ainda deveria estar a exercer o cargo⁹), foi nomeado deputado do Santo Ofício na Inquisição de Goa, instituída em 1560. Mais tarde seria mesmo nomeado Inquisidor, cargo e funções que todavia nunca chegou a ocupar porque lhe adveio a morte, ocorrida a 25 de Janeiro de 1651, num convento franciscano de Goa, com 80 anos de idade. Pouco se sabe pois da vida de Fr. Paulo desde 1536-37 até à sua morte. Alguns dão-lhe o título de bispo de Malaca, como o Pe. Casimiro Cristóvão de Nazaré (1830-1828),¹⁰ mas cremos ser inverosímil tal ideia, aliás omitida em todos os episcopologios modernos dignos de nota.

Fr. Paulo da Trindade passou a maior parte da sua vida nas casas franciscanas da Índia Portuguesa, ensinando Teologia, missionando, evangelizando, não apenas cantando responsos ou celebrando missas. A sua *Conquista Espiritual do Oriente...* é reflexo do seu conhecimento da história da evangelização do oriente, em particular do papel exercido pela Ordem dos Frades Menores a que pertencia. Mais comedido que Fr. Jacinto de Deus, sempre mais esdrúxulo nos relatos e descrições, nas emoções narrativas, Fr. Paulo procurou manter a sua perspectiva de missionário, de homem do Oriente, de filho do Império, de franciscano, além de atento aos desenvolvimentos históricos, políticos e religiosos coevos, manifestando uma mundividência esclarecida, ainda que intransigente na defesa do Franciscanismo como instrumento de eleição na acção de catequizaçã, traduzida acima de tudo no conceito de “conquista espiritual”, não tanto de encontro de culturas por via acomodatória ou observando as idiossincrasias locais. A sua obra é de reacção, de resposta e de contra-ataque.

De reacção, com efeito, num palco de perfeita “disputa missionária” com a Companhia de Jesus, ao livro do Pe. Maffei, jesuíta italiano, *Historiarum Indicarum*, com destaque para o *Liber Duodecimus* [Antuérpia, 1605, p. 306], onde o sacerdote inaciano referia que

“Até ao tempo em que aportaram à Índia S. Francisco Xavier e companheiros, não haviam ali promovido a evangelização nem os soldados e governantes asoberbados pelos cuidados da conquista nem os já ali estabelecidos Franciscanos, presos que estavam a cantar em suas igrejas as litúrgicas salmodias e os responsos pelos mortos”.

Mais acrescentou ainda que “os frades de S. Francisco na Índia não se ocupavam em fazer cristandade, mas somente em enterrar defuntos e cantar missas de Requiem.”

S. Francisco Xavier chegara em 1542 a Goa e com ele os primeiros missionários da Companhia de Jesus. As *Cartas Anuas* dos padres da Companhia mobilizaram a Cristandade em torno do esforço missionário português – e, claro da Companhia – no Oriente, aumentando a informação e sua circulação, sobre esta parte do mundo. Os escritos e relatos jesuíticos reforçaram ainda mais o prestígio da Companhia, secundarizando os esforços missionários anteriores de outros institutos religiosos, como os Franciscanos de Fr. Paulo da Trindade, estabelecidos no Oriente desde a segunda Armada da Índia, comandada em 1500 por Pedro Álvares Cabral.

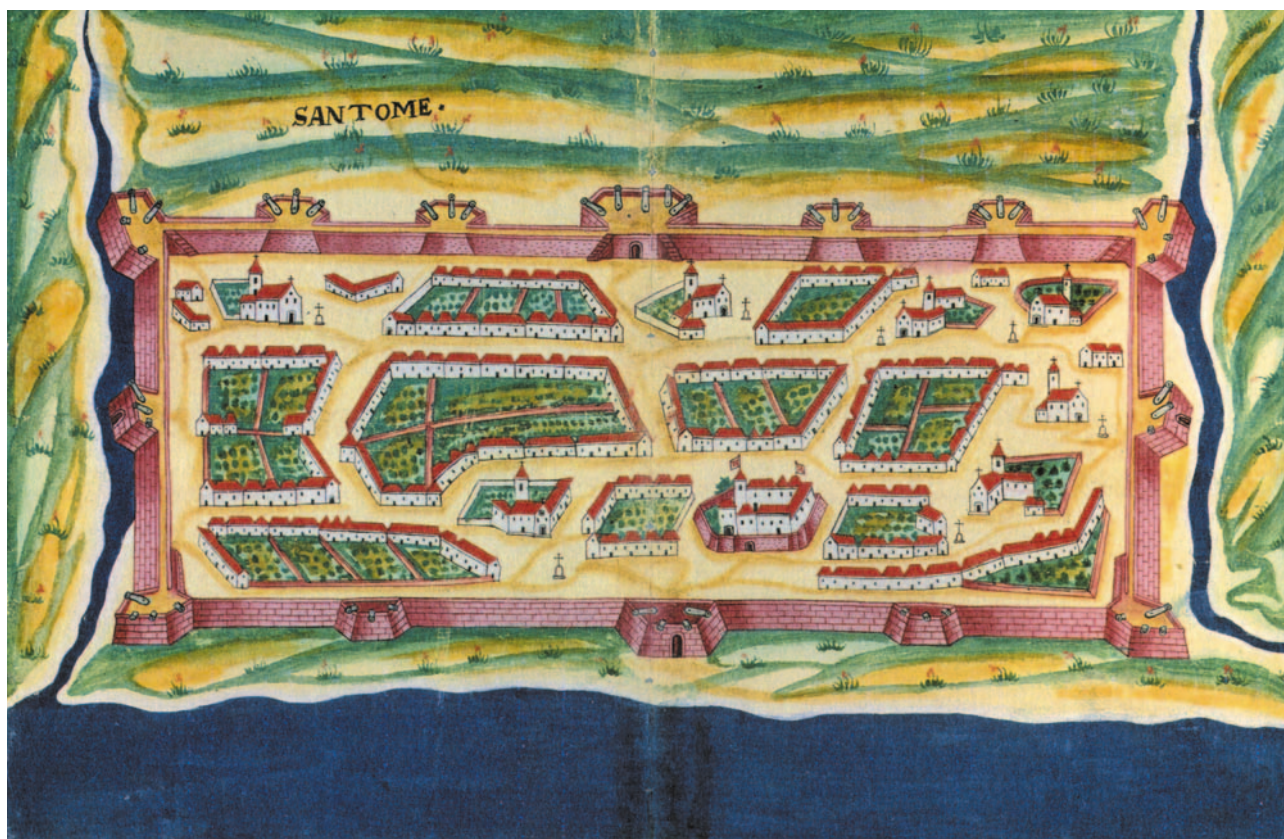
Todavia, os Franciscanos, como os demais Mendicantes, persistiram durante muito tempo numa estratégia tardo-medieval de missiã, de “cruzada”, na lógica da “conquista espiritual”, transplantando modelos, estratégias e meios que usavam na Europa para populações e culturas diferentes, mesmo que sob a saraivada de críticas que os Reformados lhes zurziam na forma de críticas metodológicas e operativas. Ou seja, no Oriente, línguas, culturas, civilizações, religiões instituídas milenarmente, impunham uma metodologia missionária diferente, que os Mendicantes, maioritariamente, não souberam observar, trabalhar e adaptar, num ideal de observância e acomodação activa, de paciência e perseverança na aproximação aos catecúmenos e à sua história e identidade, naquilo a que se chamaria de “encontro de culturas”. Não se tratando aqui de julgar métodos e práticas, objectivos e processos, não podemos deixar de constatar uma certa

FORGOTTEN CHRONICLERS OF THE FAR EAST (16TH–18TH CENTURIES)

modernidade e um êxito maior na prática e metodologia missionária dos Jesuítas, embora não possamos alinhar inteiramente com Maffei na sua crítica verrinosa ao trabalho missionário dos Franciscanos na Índia antes de S. Francisco Xavier que, aliás, durante quase toda a vida não andou longe dos métodos dos menoritas, com particular destaque para os seus “baptismos gerais”. Estava-se, à época da lavra da *Conquista Espiritual do Oriente*..., em plena disputa ideológica entre Jesuítas e Mendicantes relativamente às estratégias missionárias

de Manila, espanhol. E se acrescentarmos o facto de que Portugal estava submergido na União dinástica de 1580-1640, percebemos também o forte carácter identitário e autonómico das cristandades e províncias das ordens religiosas do Oriente, na ressaca do concílio de Trento (1545-1563), fortemente congregacionista.

Não espanta assim, neste contexto, a tal reacção que é a *Conquista Espiritual do Oriente*... por parte do seu autor, Fr. Paulo da Trindade, notadamente no Capítulo 14,¹¹ designado “Como a Conquista Espiritual



Fortaleza de São Tomé de Meliapor, in António Bocarro, *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental* (1635). Lisboa: INCM, 1992.

com a Santa Sé e os superiores da Companhia, além dos Governos e administração colonial observarem e intervirem, pontualmente, na contenda entre as ordens, mais do que entre processos. Uma disputa que acabou por minar o trabalho missionário ibérico, principalmente o dos portugueses, no Extremo Oriente, com destaque para as cristandades nipónica (“fechada” em 1638) e sínica, fortemente divididas e afectadas pelas querelas de evangelização, como entre rivalidades entre o Padroado Português do Oriente e o *Patronato*

do Oriente por razão da antiga posse se devia por direito aos Frades Menores [Franciscanos], e como eles foram os primeiros que vieram à Índia para efeito desta espiritual conquista”.

Um capítulo extremamente pensado e aturado antes da sua escrita, estribado em obras incontornáveis publicadas até 1630, quando o metódico e conhecedor Fr. Paulo da Trindade – conhecedor do Oriente, da sua Ordem, da história pátria... – iniciou a sua obra mais famosa e a que temos aludido. Diogo do Couto,

CRONISTAS ESQUECIDOS DO EXTREMO ORIENTE (SÉCULOS XVI-XVIII)

João de Barros, Damião de Góis, Fernão Mendes Pinto, Castanheda, Fr. João dos Santos – autor da *Etiópia Oriental* – e até mesmo João de Lucena, S. J. (o primeiro biógrafo de S. Francisco Xavier), para não citar o franciscano Fr. Marcos de Lisboa, bispo do Porto e grande cronista da Ordem dos Frades Menores, muitos foram os autores em que Fr. Paulo se documentou para a escrita daquele seu capítulo da *Conquista Espiritual do Oriente*, não esquecendo ainda os arquivos e bibliotecas franciscanas na Índia, que em Goa deviam ter já consideráveis acervos, a avaliar pelo abundante recurso aos mesmos. Fr. Félix Lopes, O. F. M., chega a lançar a hipótese de Fr. Paulo ter mesmo recorrido às *Crónicas dos Frades Menores da Custódia de S. Tomé da Índia Oriental*, do seu confrade Fr. Francisco Negrão, as quais já deveriam circular na forma manuscrita à época de execução da *Conquista Espiritual do Oriente*.... Fr. Paulo recuou ainda mais na cronística, lendo textos mais antigos, coevos das epopeias missionárias medievais dos Franciscanos na Ásia, suporte histórico da primazia e precedência menorita na evangelização da Ásia, usurpada por institutos modernos, como a Companhia, na óptica do frade. A obra no seu todo, e este capítulo principalmente, é toda ela eivada das características típicas da cronística monástica, género em que a *Conquista*... se pode enquadrar, apesar do criticismo mais desenvolvido e da mundividência mais alargada, mas sempre num escopo laudatório, abonatório das excelências e prioridades menoritas, num tom apologético, num registo autonomista e de disputa missionária. O capítulo, apesar do escopo reivindicativo, em registo laudatório, pauta-se por uma formulação em moldes pouco inovadores, ou seja, convocando martírios de frades na Idade Média na Índia (os mártires de Taná, em 1321) como marcos iniciais da missão menorita na Ásia. Todavia, tem o discernimento suficiente para contrariar uma lenda que referia que S. Francisco de Assis andara na Índia em vida, concretamente em Bengala. Mas não deixa de aludir veementemente ao facto de terem sido os Franciscanos, chefiados por Fr. Henrique de Coimbra, os primeiros missionários portugueses enviados pela corte ao Oriente. No seguimento desta primazia exarada no referido capítulo, não deixou Fr. Paulo de nos seguintes esmaltar a virtude e santidade dos frades que seguiram nas armadas posteriores à de Cabral, até à criação da custódia e depois província de S. Tomé e suas sucedâneas franciscanas na Índia.

No entanto, apesar da riqueza da polémica e reacção, uma obra tão importante como a *Conquista Espiritual do Oriente*... não chegou ao prelo senão em 1962, permanecendo manuscrita em várias cópias – já que o original de 1636 se perdeu – de amanuenses até ser declarada a existência, em 1924, por Leonard Lemmens, O. F. M., na Biblioteca Apostólica Vaticana, de um traslado feito, em 1679, em Madrid para envio à Cúria Geral dos Franciscanos em Roma, a partir do exemplar enviado pelo próprio autor. Fr. Paulo da Trindade lutou até à sua morte pela sua publicação, mas a falta de apoio financeiro bem como a pobreza que regulava e pautava a sua vida e múnus impediram que o valioso manuscrito chegasse ao prelo. Conseguiu mesmo a licença da Inquisição, passando ainda pelo crivo da Censura da Ordem e do Paço em Madrid, mas nunca passou da condição de manuscrito. Fr. Félix Lopes refere que a censura poderá ter feito frustrar as tentativas de publicação, adiando-a, por motivo de inúmeras alusões a factos de administração do Império ou mesmo por reacção às defesas literárias da primazia jesuítica na evangelização do Oriente. Apesar de conhecida em Portugal e referida por cronistas franciscanos como Fr. Fernando da Soledade (*História Seráfica da Ordem dos Frades Menores*) ou autores como Jorge Cardoso (*Agiologio Lusitano*).

Nada mais se sabe de Fr. Paulo da Trindade, à luz das informações, directas ou indirectas, que se podem exumar da documentação ou referidas em títulos vários. Acima de tudo, foi um frade na sua mais verdadeira essência dentro daquilo que era um religioso do seu tempo, do barroco, da Reforma Católica, ou Contra-Reforma, do tempo de afirmação da acção missionária católica na Ásia, apesar das disputas e querelas, de maturidade de processos e de urgência de inovações. Fr. Paulo foi um “filho da terra” oriental, asiática, uma figura do Império numa dimensão religiosa. Um homem de estabilidades e de segurança, se não teria professado, mais fácil e comodamente, no convento franciscano de Nossa Senhora dos Anjos na sua terra natal de Macau. Ou então, de lá poderá ter sido enviado para noviciar e estudar em Goa, onde a formação era mais tranquila, avisada e garantida, além da estabilidade. Macau era território de disputa missionária, mesmo entre os próprios Franciscanos, de Portugal (Goa) e de Espanha (Manila), de instabilidade missionária, sem capacidade formativa na esfera mendicante, nomeadamente menorita. A comunidade franciscana

FORGOTTEN CHRONICLERS OF THE FAR EAST (16TH–18TH CENTURIES)

ali deveria ser incipiente, o que também poderá ter motivado a ida do jovem macaense para Goa. Fr. Paulo teria 9 ou 10 anos quando se deu a fundação da casa franciscana de Nossa Senhora dos Anjos em Macau, levada a efeito por franciscanos hispano-filipinos (Fr. Pedro de Alfaro, mais tarde expulso), na dependência da província franciscana espanhola de S. Gregório Magno de Manila (Filipinas).

Longe da Europa, do fulgor barroco metropolitano, não deixou Fr. Paulo de o beber na sua linguagem luso-oriental, de que foi uma das penas mais ilustres, ainda que tardiamente trazidas ao prelo, mas desde sempre reconhecido pela ilustração e cultura. Fr. Paulo é o exemplo da capacidade dos filhos do império oriental em versarem e singrarem nas letras, mesmo fora dos centros culturais eurocêntricos ou não pertencendo ao alforge do universo jesuítico, o mais activo e prolífico no Oriente, além de mais notabilizado.

Franciscano, missionário, professor, escritor, canonista, Fr. Paulo da Trindade, filho de Macau, é sem dúvida uma das figuras menos conhecidas do Império, longe dos corredores e intrigas da Corte, afastado das dignidades e prebendas retiradas de uma carreira eclesiástica que nunca ultrapassou os muros dos conventos da Índia por onde andou ou

as amuradas dos navios em que navegou nas suas investigações e trajectos missionários no oceano Índico, que, como já referimos, parece ter conhecido muitas vezes mais *in loco* do que apenas através dos documentos conservados nos arquivos franciscanos goeses ou propalados através de relatos e memórias de velhos frades missionários. Um espírito livre, pelas posições defendidas na Ordem, Fr. Paulo foi também um lutador pela autonomia dos seus confrades menoritas na Índia face à preponderância dos frades reinóis ou das províncias metropolitanas, que governavam e geriam as missões orientais sem as conhecerem e através de políticas centralistas que em nada ajudavam à adaptação e esforço missionário dos religiosos no terreno, além de que culturalmente se afastavam em relação aos frades indígenas, mestiços ou portugueses nascidos no Oriente, que reconheciam maior importância a Goa do que a Lisboa. Como seria o caso de Fr. Paulo da Trindade, como se viu aquando das suas pretensões autonomistas. Fr. Paulo da Trindade, uma figura a reler nas suas obras¹², que são ainda uma das fontes não jesuíticas mais importantes e relevantes para o estudo do império português do Oriente e, em particular, das missões naquele território. **RC**

NOTAS

- 1 Nunca se deverá esquecer um estudo consagrado aos Franciscanos em Macau da lavra de Mons. Pe. Manuel Teixeira (1912-2003), que leva o título de “Os Franciscanos em Macau”, publicado em *España en Extremo Oriente: Filipinas, China, Japón. Presencia Franciscana, 1578-1978*, dir. Victor Sánchez, OFM, e Cayetano S. Fuertes, OFM, Madrid: Publicaciones Archivo Ibero-Americano, 1979, pp. 309-375.
- 2 Cf. Fernando Félix Lopes, O. F. M., “Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590”, in *Colectânea de Estudos de História e Literatura*, t. III, pp. 265-351. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997. Original em *Studia* n.º 9, Jan. 1962.
- 3 Cf. “Introdução” à edição de Fr. Paulo da Trindade, *Conquista Espiritual do Oriente* por Fr. F. Félix Lopes, O. F. M., Vol. I. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962. Cf. p. VII.
- 4 O referido autor baseia-se num seu estudo, “Missões Franciscanas na Índia Oriental em 1595. Casas, pessoal e legislação”, in *Archivo Ibero-Americano*, 13, Madrid: AIA, 1953, p. 185, estudo que nos merece o maior crédito.
- 5 Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Of. António Isidoro da Fonseca, 1741-1759, tomo III, p. 535.
- 6 De recordar o inédito conservado na Biblioteca Nacional, em Lisboa, *Breve Recompilação do poder e autoridade que tem os Confessores Mendicantes...*, [escrito em Goa, 1619].

- 7 Fr. Paulo da Trindade, *Conquista Espiritual do Oriente*, Vol. I, p. 265.
- 8 *Ibidem*, pp. 333-334.
- 9 Mons. Manuel Teixeira, *op. cit.*, p. 358.
- 10 Casimiro Cristóvão de Nazaré, *Mitras lusitanas no Oriente: catalogo chronologico-historico dos prelados da Egreja Metropolitana de Goa e das Dioceses Suffraganeas*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1887, Vol. II, p. 256.
- 11 Cf. Fr. Paulo da Trindade, *Conquista Espiritual do Oriente*, cap. 14, pp. 72 e ss. [na edição de F. Félix Lopes, O. F. M.].
- 12 Bibliografia de Fr. Paulo da Trindade: *Breve Recompilação do poder e autoridade que tem os Confessores Mendicantes, assim súbditos como Prelados, por virtude dos seus Privilegios, para absolver e dispensar, particularmente em partes remotas como as da Índia Oriental e Occidental* [Goa, 1619], na Biblioteca Nacional, Lisboa; *Conquista Espiritual do oriente, em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis, que fizeram os Frades Menores da Santa Província de S. Thomé da Índia Oriental em a propagação, e conversão dos infieis em mais de trinta Reinos do Cabo da boa Esperança até as remotissimas Ilhas do Japão repartida em três livros; Theologia Moral* [desaparecido]; *Juramento del Rey D. Affonso Henrique; Embaixada que El Rey D. Manoel mandou a Roma; Inventario do prezente, que o Embaxador levava a Sua Santidade, e outras noticias curiosas*.